

Visita ao Museu da água/ETAR

O Museu da Água, inaugurado em Outubro de 1987, abrange quatro núcleos:

O Aqueduto das Águas Livres



Informação geral

O Aqueduto das Águas Livres foi mandado construir pelo rei D. João V, um rei que deixou para a história grandes obras, como é o caso do Convento de Mafra. A ideia vinha já desde os tempos do rei D. Sebastião e foi Cláudio Gorgel do Amaral, procurador da cidade de Lisboa, quem insistiu junto do rei para retomar o projecto. Nessa altura eram decretados impostos especiais para financiar as grandes obras, e foi o que D. João V fez no caso do aqueduto.

Em 1731 foi assinado o alvará a ordenar o início da construção. Em 1744 corriam já as primeiras águas, ligando as nascentes de Carenque à zona das Amoreiras, vindo o aqueduto a ser oficialmente inaugurado em 1748. No entanto, só em 1799 (68 anos após o início da construção) é que o aqueduto ficaria totalmente concluído. O objectivo principal da construção era trazer água desde a zona de Sintra, onde era abundante, até Lisboa, cidade onde viviam já muitas pessoas e que se debatia com um grave problema de falta de água. Esta água era conduzida até à cidade através de galerias e pequenos aquedutos que desembocavam no aqueduto principal e seguia então para o Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, a partir do qual era distribuída pelas fontes e chafarizes da cidade.

Os arquitectos do aqueduto

O processo de construção do aqueduto não foi pacífico. Muita foi a polémica que envolveu a obra, uma vez que, em muitas situações, engenheiros e arquitectos não eram capazes de chegar a consenso. Por essa razão (e também porque o aqueduto demorou quase 70 anos até estar completamente pronto), o aqueduto foi mudando de mãos ao longo da história: o projecto foi da autoria de Custódio Vieira e Manuel da Maia, o primeiro director da obra foi o arquitecto romano António Canavari, mais tarde substituído por José da Silva Pais. Propunha aos alunos uma dramatização que represente alguma da polémica que envolveu a obra: por exemplo, uma discussão de ideias no atelier dos arquitectos, em que o rei D. João V esteja também presente, assim como alguns representantes do povo que reclamam a falta de água.



O maior arco em pedra do mundo

No vale de Alcântara, o aqueduto tem 35 arcos (21 de volta inteira e 14 de ogiva), e o arco sobre a Av. Gulbenkian entrou para o Livro dos Recordes do Guinness como o maior arco de alvenaria (pedra sobre pedra) do mundo. Chame a atenção dos alunos para a placa que se encontra no local, assinalando o ponto mais alto:

Altura do rio ao passeio
Em palmos..... 296, 75
Em metros..... 65, 29



Quem foi Diogo Alves?

Diogo Alves foi um ladrão e assassino que se tornou famoso por escolher para cenário dos seus crimes o Aqueduto das Águas Livres. Na altura em que foi inaugurado, o aqueduto era um ponto de ligação entre a zona de Campolide e o Alto da Serafina, estando aberto do nascer ao pôr do sol. Muitos hortelãos e lavadeiras passavam por aqui no seu dia-a-dia, usando o aqueduto como ponte (era o chamado "Passeio dos Arcos").

Diogo Alves ter-se-á apercebido que este era o local certo para cometer os seus crimes: conseguiu fazer uma cópia da chave do aqueduto, entrava sem ser visto, e assaltava e matava as suas vítimas, atirando-as para o vale de Alcântara. Muitas pessoas escolhiam este lugar para cometerem suicídio e Diogo Alves aproveitava-se desse facto para fazer confundir os seus crimes com um surto inexplicável de suicídios, como se chegou a pensar na altura. Esta é uma história que os alunos interessados em polícias e mistérios gostarão com certeza de ouvir...

Diogo Alves foi o último português a ser condenado à morte (em 1841). Apesar de a rainha D. Maria já ter, na altura, tomado a decisão de acabar com a pena de morte no nosso país, Diogo Alves morreu enforcado. É que o decreto com a nova resolução não tinha ainda saído, e Diogo Alves morreu por uma questão de dias...

Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras



Informação geral

A Mãe d'Água (também chamada Casa das Águas) foi o primeiro grande reservatório de água de Lisboa, construído para receber as águas que chegavam à cidade através do Aqueduto das Águas Livres. O projecto é da autoria do arquitecto de origem húngara Carlos Mardel e ficou concluído em 1834. A partir dessa data, a Mãe d'Água tornou-se uma espécie de centro de distribuição, sendo a partir daqui que a água era canalizada para as fontes e chafarizes da cidade. Na altura existiam em Lisboa 64 chafarizes públicos, para além de outros existentes em jardins privados (de palácios nobres) e em instituições oficiais, como hospitais, quartéis, palácios e escolas. A água chegava a todos estes lugares através de uma rede de galerias aberta na cidade.

O busto de Manuel da Maia no jardim pode-se conhecer uma das grandes figuras (poderá chamar-se a personagem principal) da história do abastecimento de água de Lisboa. Manuel da Maia foi um dos grandes impulsionadores (e o principal autor) da construção do Aqueduto.

Reservatório da Patriarcal



Informação geral

Na época da sua construção, por volta de 1864, o Reservatório da Patriarcal era o único no lado ocidental da zona baixa de Lisboa. Projecto do engenheiro francês Mary, a Patriarcal era abastecida pelo reservatório do Arco, próximo das Amoreiras. Da sua cisterna partiam depois duas condutas para abastecer diferentes pontos de Lisboa. O Reservatório da Patriarcal foi restaurado em 1994. O seu projecto de recuperação foi distinguido com o Prémio Municipal "Eugénio dos Santos" de Reabilitação Urbana em 1995.

O Reservatório da Patriarcal fica situado na Praça do Príncipe Real, por baixo do jardim, no qual existem muitas espécies de árvores, algumas delas devidamente identificadas. O Reservatório da Patriarcal é um lugar envolto em magia. O espaço é fora do comum, subterrânea, inesperado, aquático... de sons extraordinários, que parecem música.

